

## Quando as flores morrem

Para Xavier, a vida igualava-se à existência das flores. Linda, efêmera e com um final trágico, caso alguém pisasse onde não era suposto. Homem de poucas crenças, com a única certeza de que a vida e a morte andam de mãos dadas, não fosse a última o seu sustento.

Após alguns anos, aquela tarde assemelhava-se a tantas outras. Terminado mais um trabalho, regressaria a casa, enquanto esperava pela próxima missão.

Escolheu a mesa mais discreta do pequeno café. De onde se encontrava, conseguia ver o espaço por inteiro e, em especial, a sua presa. João, como optara por lhe chamar, ocupava o seu lugar ao balcão e bebia a cerveja habitual.

*Uma criatura de hábitos aquele rapaz.*

O que Xavier não entendia era o motivo que levava alguém a querer que o jovem desaparecesse. Depois de vários dias a segui-lo, João revelara-se inofensivo, aborrecido até. Porém, não lhe pagavam para satisfazer a sua curiosidade. Limitava-se a cumprir ordens. Não seria difícil atraí-lo. O jovem tinha sempre um sorriso e uma palavra simpática a partilhar, especialmente com os mais velhos, o que tornava a sua missão muito mais fácil de cumprir.

Quando João se preparava para sair, Xavier ajeitou a sua boina e dirigiu-se para a saída.

— Desculpe, jovem? — João virou-se. — Não se importa de me acompanhar até ao carro?

— Claro que não. Também já ia para casa.

— Distraí-me com as horas. Nos últimos dois meses, fui assaltado três vezes... Três!

— Lamento. Eu acompanho-o, não se preocupe.

Saíram do café e Xavier encaminhou-os para um beco adjacente ao edifício. Como já tinha escurecido, a probabilidade de alguém os ver era quase nula.

— É este o carro.

Nesse preciso momento, o seu trabalho estava quase concluído. Xavier fingiria atrapalhão, natural das pessoas da sua idade, e deixaria cair as chaves do veículo ao tirá-las do bolso do casaco. Aguardaria pelo momento em que o rapaz se baixaria para as apanhar e, quando a cabeça de João estivesse ao nível da sua cintura, apunhalava-o em cheio na jugular.

Porém, João surpreendeu-o ao estender-lhe a mão num gesto de despedida. Xavier não teve outra opção, senão aproximar-se e apertar a mão que lhe era oferecida. Quando os seus dedos se tocaram, o caçador sentiu uma dor torturante no estômago. Ao olhar para baixo, o cabo de uma faca saía-lhe do abdómen e um líquido escarlate empapava-lhe as roupas. Afinal, todas as flores morrem.